

Freud e Florbela Espanca: dois discursos paralelos sobre a Depressão e o Narcisismo

JÚLIA SERPA PIMENTEL (*)

I. INTRODUÇÃO

Foi durante o meu trabalho como psicóloga num internato para crianças abandonadas que pela primeira vez adquiriram um sentido real as observações de Spitz e Bowlby sobre as consequências da privação de cuidados maternos adequados durante os primeiros anos de vida.

De todas as crianças que aí encontrei que tinham sofrido essa privação, lembro-me sobretudo da Paula, internada desde os dois anos por abandono da mãe. Tinha já estado em duas instituições sem que em nenhuma delas tivesse encontrado uma figura materna substitutiva que permanecesse com um mínimo de estabilidade. A Paula era, na altura em que a conheci, uma pré-adolescente cuja revolta e agressividade escondiam uma disposição depressiva, que exigia o afecto exclusivo e a disponibilidade total dos adultos a quem se tentava «agarrar» e ressentia como um abandono qualquer limite que se introduzisse na relação. Impressionava-me a sua reacção quando a mãe, muito esporadicamente, aparecia no internato: incapaz de ir ter com ela e de lhe falar, ficava a chorar no seu quarto, gri-

tando a sua raiva, e ia de vez em quando «espreitar» a mãe. Não conseguindo nunca ultrapassar uma profunda ambivalência que a deixava num sofrimento terrível. Como se o aparecimento da mãe a fizesse, de cada vez reviver o seu abandono e fosse, de cada vez, reavivar a sua ferida.

Lembro-me ainda uma criança com um atraso grave no desenvolvimento afectivo, provavelmente devido a uma depressão no 1.º ano de vida, na sequência de uma profunda depressão da mãe no momento da morte do seu próprio pai. Do discurso dessa mãe ao longo de três anos de psicoterapia, do seu sentimento de profunda ambivalência face à sua própria mãe, da total idealização do marido de quem fala como o seu único suporte — e da diminuição da sua auto-estima quando diz «nenhum dos meus filhos pode ser bom».

Casos como estes têm-me feito reflectir nas relações entre a depressão e a perda de objecto que, segundo Bergeret «criaria um vácuo importante no Narcisismo e no Eu».

O aprofundamento e reflexão pessoal sobre a teoria psicanalítica e a leitura de algumas obras de Freud reavivaram estas lembranças.

Mas foi o estudo dos textos «Luto e Melancolia» e «Introdução ao Narcisismo» que

(*) Psicóloga.

me fez surgir uma outra memória e me levou a reler alguns sonetos de Florbela Espanca — contemporânea de Freud! — e o que dela diz Agustina Bessa Luis:

«É provável que Bela inspirasse nos homens uma desesperação intolerável, talvez porque a sua imensa necessidade afectiva não se traduzia numa prática erótica. Descompensada do amor da infância, teria de comportar-se sempre com uma exigência semelhante a uma fome e a uma sede».

Numa outra linguagem, Florbela Espanca fala também — e tão bem! — de perda objectal, investimento narcísico, idealização do objecto, identificação projectiva, relação anaclítica, luto, depressão, melancolia, etc. O trabalho que seguidamente apresento é o resultado da reflexão que me levou a pôr em paralelo os discursos de Freud e Florbela sobre estes temas.

II. DEPRESSÃO E NARCISISMO — O PARALELISMO DE DOIS DISCURSOS

No trabalho publicado em 1917 — «Luto e Melancolia» — Freud faz a análise da melancolia através do estudo da relação de objecto do melancólico, comparando-a com a que existe na situação normal de luto. Assim, dá importância fundamental às consequências para o Eu da perda do objecto.

Chama a atenção para o significado simbólico e inconsciente desta perda «*sabe quem perdeu, mas não o que com ele se perdeu*», como se a perda do objecto não passasse pela consciência

Chuva... tenho tristeza! Mas porquê?!
Vento... tenho saudades! Mas porquê?!

Neurastenia, 1919

Essa perda simbólica, diz-nos Freud mais adiante, «*teve efeito no seu próprio Eu*»,

porque o objecto tinha sido escolhido por um processo de identificação narcísica

Até agora eu não me conhecia
Julgava que era Eu e eu não era

Andava a procurar-me—pobre louca!—
E achei o meu olhar no teu olhar,
E a minha boca sobre a tua boca!

Eu, 1930

Ainda neste artigo é dada extrema importância à ambivalência que marca as relações objectais, «*travam-se na melancolia infinitos combates ao redor do objecto, combates em que o ódio e o amor lutam entre si*» e é essa ambivalência, profundamente negada, que faz com que não seja possível a consciencialização de todo o processo da melancolia.

Ódio por ele? Não... Se o amei tanto,
...

Ah! Nunca mais amá-lo é já bastante!
...

Ódio seria em mim saudade infinda,
Mágoa de o ter perdido, amor ainda.

Ódio, 1923

É ainda a ambivalência da relação com o objecto perdido e a recusa em aceitar a perda do objecto,

Quantas vezes, amor, já te esqueci
Para mais doidamente me lembrar
Mais doidamente me lembrar de ti!

...
E quem dera que fosse sempre assim
Quanto menos quisesse recordar
Mais a saudade andasse presa a mim.

Saudade, 1923

que explica o virar da agressividade contra si próprio: «quando o amor ao objecto, amor que tem de ser conservado não obstante o abandono do objecto, se refugia na identificação narcísica, recai o ódio sobre este objecto substitutivo, caluniando-o, humilhando-o, fazendo-o sofrer»

Sei lá quem sou?! Sei lá!...

...

Sou mais um mau, sou mais um pecador.

Minha culpa, 1930

«e encontrando neste sofrimento uma satisfação sádica»

Mas que me importa a mim que não
[queiras
Se esta pena, esta dor, estas canseiras,
Este mísero pungir, árduo e profundo

Do teu frio desamor, dos teus desdêns
É, na vida, o mais alto dos meus bens?
É tudo quanto eu tenho neste mundo?

O maior bem, 1931

Em «O Eu e o Id»⁽¹⁾, Freud dirá: «Na melancolia, o Super-Eu é extremamente enérgico, encarna-se implacavelmente contra o Eu, como se se tivesse apoderado de todo o sadismo disponível no indivíduo».

Parece que a minh'alma é perseguida
Por um carrasco cheio de maldade!

Freud considera, de novo em «Luto e Melancolia»⁽²⁾, que a regressão da libido ao narcisismo explica que a substituição do conflito com o objecto (externo) pelo con-

flicto no eu (interno) seja uma ferida dolorosa no próprio Eu

Aqueles que me têm muito amor
Não sabem o que sinto e o que sou...

...

Sinto os passos da Dor, essa cadência
Que é já tortura infinda, que é demência!
Que é já vontade doida de gritar.

Sem remédio, 1919

Ainda que me pareça ser este um dos trabalhos principais para compreender as ideias de Freud sobre a depressão melancólica, que penso que é por um lado na sua «Introdução ao Narcisismo» (1914) e, por outro, na «Psicologia das Massas» (1921) e em «O Eu e o Id» (1923), que se poderão encontrar os elementos que esclarecem a génese deste processo.

O artigo de 1914 é frequentemente considerado um marco na obra de Freud, na medida em que marca uma viragem importante na teoria dos instintos: estabelece uma diferenciação entre a energia do Eu e a energia sexual, reservando para esta última o conceito de libido, e define conceitos como o narcisismo primário e o narcisismo secundário, pondo várias questões acerca das relações entre o narcisismo e o auto-erotismo, interrogando-se sobre a existência de uma energia neutra (de que volta a falar em *O Eu e o Id*) e sobre a distinção entre energia do Eu e energia objectal.

Põe a hipótese de que «todo o indivíduo tem dois objectos sexuais primitivos: ele próprio e a mulher/seio e pressupomos assim o narcisismo primário de todo o ser humano, que eventualmente se manifestará logo, predominando na sua eleição do objecto». Considera que este narcisismo primário é consequência da reminiscência do próprio narcisismo dos pais, que dá à

(¹) Freud, S., *O Eu e o Id*, 1923.

(²) Freud, S., *Luto e Melancolia*, 1917.

criança um sentimento de onnipotência, e que esta recorda nostalgicamente:

Se me ponho a cismar em outras eras
Em que ri e cantei, em que era querida.

Lágrimas Ocultas, 1919

Estudando o «percurso» do narcisismo primário e da libido do Eu na última parte do seu artigo, Freud dá-nos a resposta a algumas das perguntas que vínhamos formulando ao encarar o Ideal do Eu — a que hoje se chamaria talvez o Eu Ideal — como o herdeiro desse narcisismo primário. «*A este eu ideal se consagra o amor égoíatra de que na infância era objecto o eu real, o narcisismo aparece deslocado sobre este novo Eu ideal... aquilo que projecta como seu ideal é a substituição do narcisismo perdido da sua infância, no qual ele próprio era o seu ideal*».

O mundo quer-me mal, porque ninguém
Tem asas como eu tenho! Porque Deus
Me fez nascer princesa entre plebeus
Numa torre de orgulho e de desdém

Porque o meu Reino fica para além...
Porque trago no olhar os vastos céus
E os oiros e clarões são todos meus!
Porque eu sou Eu e porque Eu sou
[Alguém!]

Versos de Orgulho, 1930

Esta idealização não implica, todavia, uma sublimação dos instintos libidinais que poderá vir a ser ajudada pela idealização do objecto. Com efeito, em «*A Psicologia das Massas*», Freud diz: «*dada uma repressão ou retenção eficaz das tendências sexuais surge a ilusão de que o objecto também é amado sexualmente por causa das suas excelências psíquicas, quando ao contrário, é a influência do prazer sexual*

que nos levou a atribuir-lhes tais excelências»...

O Amor de um homem? — Terra tão
[pisada
Cota de chuva ao vento baloiçada...
Um homem — quando eu sonho o
[amor de um Deus!...

Ambiciosa, 1930

Surge assim, um duplo movimento de idealização de si próprio e de idealização e dessexualização do objecto «*que é tratado como o próprio eu do sujeito... e que serve para substituir um ideal próprio e não alcançado do eu. Amamos o objecto por causa das perfeições a que aspirávamos para o nosso próprio Eu e que agora desejamos desta forma para satisfação do nosso narcisismo*».

Gosto de ti apaixonadamente
De ti que és a vitória, a salvação,
De ti que me trouxeste pela mão
Até ao brilho desta chama quente

E eu, que era neste mundo uma vencida,
Ergo a cabeça ao alto, encaro o Sol!
— Águia real, apontas-me a subida!

*Soneto I sobre uma citação
de Camões*, 1930

Mas à medida que aumenta esta idealização «*que o estado amoroso... se acentua, o quadro é mais claro... o eu faz-se cada vez menos exigente e mais modesto, e por outro lado, o objecto torna-se cada vez mais magnífico*».

Vejo-te só a ti no azul dos céus
Olhando a nuvem de oiro que flutua...
Ó minha perfeição que criou Deus
E que num dia lindo me fez sua!

Sombra da tua sombra, doce e calma,
Sou a grande quimera da tua alma
E sem viver, ando a viver contigo...

Deixa-me andar assim no teu caminho
Por toda a vida, Amor, devagarinho,
Até a morte me levar consigo...

O meu desejo, 1931

«A dependência do objecto amado é causa de depressão... o que ama perde, por assim dizer, uma parte do seu narcisismo... a impossibilidade de amar, diminui extraordinariamente a auto-estima... esta é uma das causas do sentimento de inferioridade»...

Tenho pena de mim ...pena de ti...

...

De não ter asas para ir ver o Céu...
De não ser Esta... a Outra... e mais
[Aquela...
De ter vivido, e não ter sido Eu...

A minha piedade, 1930

Quem nos deu asas para andar de
[rastros?
Quem nos deu olhos para ver os astros
— Sem nos dar braços para os alcançar?

?, 1930

Mas se o que ama perde parte do seu narcisismo «*ser amado ou correspondido, a posse do objecto amado, intensifica de novo (a auto-estima)*»

Nasci envolta em trajas de mendiga;
E, ao dares-me o teu amor de maravilha,
Deste-me o manto de oiro de rainha!

Roseira brava, 1931

E, na sequência de um processo de ilusão/desilusão semelhante ao que temos vindo a descrever,

Onde está ele, o Desejado? o Infante?
O que há-de vir a amar-me em doida
[ardência?
O das horas de mágoa e penitência?
O Príncipe Encantado? o Eleito?
o Amante?

Sonho vago, 1931

És tu! És tu! Sempre vieste, enfim!

...

Tudo é divino e santo visto assim...
Foram-se os desalentos, os cansaços

Soneto IV sobre uma citação de Camões, 1930

Procurei-o no meio de toda a gente
Procurei-o em horas silenciosas

...

Em toda a nossa vida anda a quimera
Tecendo em frágeis dedos, frágeis rendas
— Nunca se encontra Aquele que se
[espera!...

Prince Charmant, 1923

Compreendem-se as consequências da perda do objecto.

Esse de quem eu era e que era meu
Que foi um sonho e foi realidade
Que me vestiu a alma de saudade
Para sempre de mim desapareceu

Tudo em redor então escureceu
E foi longínqua toda a claridade!
Ceguei... tateio sombras... que
[ansiedade!

Apalpo cinzas porque tudo ardeu!

Esquecimento, 1931

E compreenderemos talvez melhor a diferença entre:

— O luto normal e o subsequente reinvestimento objectal;

Eu bem sei, meu Amor que p'ra viver
São precisos amores, p'ra morrer,
E são precisos sonhos p'ra partir

E bem sei, meu Amor, que era preciso
Fazer do amor que parte o claro riso
Do outro amor impossível que há-de vir!

Amor que morre, 1931

— A depressividade ou disposição depressiva, a angústia de perda do objecto

Não me digas adeus, ó sombra amiga,
Abrando mais o ritmo dos teus passos

...

Espera... Espera... ó minha sombra
[amada

Espera, 1930

e um sentimento de perda e incompletude do próprio Eu;

Tudo cai! Tudo tomba! Derrocada
Pavorosa! Não sei onde era dantes.
Meu solar, meus palácios, meus mirantes!
Não sei de nada, Deus, não sei de nada!

Pesadelos de insónia, ébrios de anseio!
Loucura a esboçar-se, a enegrecer
Cada vez mais as trevas do meu seio!

Ó pavoroso mal de ser sozinha!

...

Loucura, 1931

— E a melancolia, com identificação narcísica ao objecto,

Esta era eu e eu era a idolatrada
Oh! tanta cinza morta... o vento a leve!
Vou sendo agora em ti a sombra leve
De alguém que dobra a curva duma
[estrada.

Sombra, 1923

que poderá terminar na aceitação passiva ou busca activa da morte do próprio Eu

O que há depois? Depois?... O azul
[dos Céus?
Um outro mundo? O eterno nada? Deus?
Um abismo? Um castigo? Uma guarida?

Que importa? Que te importa, ó
[moribundo?

— Seja o que for será melhor que o
[mundo!
Tudo será melhor do que esta vida!...

A um moribundo, 1930

7/12/1930 — Florbela Espanca suicida-se.

RESUMO

Após uma breve reflexão sobre a relação entre perda objectal e depressão ilustrada com a referência a dois casos clínicos, põe-se em paralelo fragmentos de alguns textos de Freud — «Introdução ao Narcisismo» (1914), «Luto e Melancolia» (1917) — com excertos de poemas de Florbela Espanca, sua contemporânea, e que como ele, embora numa outra linguagem, fala de perda objectal, investimento narcísico, idealização do objecto, depressão e melancolia.

A montagem de textos ilustra a depressão melancólica de Florbela Espanca, compreendendo-se, assim, as razões que a levaram ao suicídio.

ABSTRACT

The author compares some Freudian Texts—«Introduction on Narcissism» (1914), «Mourning and Melancholie» (1917)—with poems by Florbela Espanca, a Portuguese poet who lived in the same epoch.

Some comments are made on the relation between object loss and depression.

Florbela's poems are full of such concepts as object loss, narcissistic investment, idealization, depression and melancholy.

Both text deal with the same themes and show the melancholy depression of the poet who sought in suicide the end of her unbearable suffering.

RÉSUMÉ

Après une courte réflexion sur les rapports entre la perte objectale et la dépression de deux cas cliniques, l'auteur juxtapose des fragments de certains textes de Freud — «Introduction au Narcissisme» (1914), «Deuil et Melancholie» (1917) — avec des poèmes de Florbela Espanca, poétesse portugaise contemporaine de Freud, dont l'oeuvre est remplie de références à des thèmes tels que perte objectale, investissement narcissique, idéalisation de l'objet, dépression et mélancolie.

Mis en parallèle, les textes montrent la dépression mélancolique de la poétesse qui a mis fin à sa souffrance en se suicidant.

BIBLIOGRAFIA

BERGERET, J. — *La dépression et les états limites*, Paris, Payot, 1975.

BESSA-LUIS, A. — *Florbela Espanca — A vida e a obra*, Lisboa, Arcádia, 1979.

BOWLBY, J. — *Child care and the Growth of Love*, Londres, Pelikan Books, 1971.

BOUVET, M. — «La relation d'objet», in Nacht, S. e colab., Paris, P. U. F., 1967.

BOUVET, M. — «La relation d'objet», in Nacht, S. e colab., Paris, P. U. F., 1969.

COIMBRA DE MATOS, A. — *Três notas sobre a depressão*, policopiado sem referência.

COIMBRA DE MATOS, A. — «Razões da Morte, Morte da Razão», comunicação no encontro «A morte vista por ...», Lisboa, Janeiro 1982.

COIMBRA DE MATOS, A. — *Sobre o objecto narcizante*, policopiado sem referência.

ESPANCA, FLORBELA — *Sonetos*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1981.

— *Livro de Mágoas*, 1919.

— *Livro de Soror Saudade*, 1923.

— *Charneca em Flor*, 1930.

— *Reliquiãe*, 1931 — Publicação póstuma.

FREUD, S. — *Obras completas*, Madrid, Biblioteca Nueva, 1967.

— *Introdução ao Narcisismo*, 1914.

— *Luto e Melancolia*, 1917.

— *Psicologia das Massas*, 1921.

— *O Eu e o Id*, 1923.

— *Neurose e Psicose*, 1924.

— *A perda da realidade nas neuroses e psicoses*, 1924.

— *Os tipos libidinais*, 1931.

— *A clivagem do Eu nos processos de defesa*, 1938.

— *Esboço de Psicanálise*, 1938.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. B. — *Vocabulário de Psicanálise*, Lisboa, Morais, 1970.

NACHT, S. e colab. — *La psychanalyse d'aujourd'hui*, Paris, P. U. F., 1967.

NACHT, S. e colab. — *La theorie psychanalytique*, Paris, P. U. F., 1969.

SPITZ, R. — *De la Naissance à la Parole*, Paris, P. U. F., 1968.

SPITZ, R. — *L'embryogenèse du Moi*, Bruxelles, Éditions Complexe, 1979.



INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

Torne-se leitor da Biblioteca do ISPA

(Rua Jardim do Tabaco, n.º 44, 1100 Lisboa, Telef. 86 31 84/5/6)

Últimas publicações periódicas recebidas:

- **BULLETIN DE PSYCHOLOGIE** — Vol. 37, N.º 11-14, Mars/Juin 1984
- **CURRENT CONTENTS — Social and Behavioral Sciences** — Vol. 16, n.º 25, June 1984
- **DEVELOPMENTAL PSYCHOLOGY** — Vol. 19, N.º 6, Nov. 1983
- **EDUCATIONAL PSYCHOLOGY** — Vol. 4, N.º 1, 1984
- **EUROPEAN JOURNAL OF SOCIAL PSYCHOLOGY** — Vol. 14, n.º 2, Apr./June 1984
- **JOURNAL OF ABNORMAL PSYCHOLOGY** — Vol. 92, N.º 4, Nov. 1983
- **JOURNAL OF EDUCATIONAL PSYCHOLOGY** — Vol. 75, N.º 6, Dec. 1983
- **JOURNAL OF OCCUPATIONAL BEHAVIOR** — Vol. 5, N.º 2, Apr. 1984
- **JOURNAL OF PERSONALITY AND SOCIAL PSYCHOLOGY** — Vol. 45, N.º 6, Dec. 1983
- **PSYCHOLOGICAL ABSTRACTS** — Vol. 70, N.º 6, Dec. 1983
- **REVUE INT. DU TRAVAIL** — Vol. 123, N.º 2, 1984
- **SOCIOLOGIE DU TRAVAIL** — N.º 1, Janv./Mars 1984
- **ACTES DE LA RECHERCHE EN SCIENCES SOCIALES** — N.º 51, Mars 1984
- **AUTREMENT** — N.º 51, Mars 1984; N.º 61, Juin 1984
- **INFANCIA Y APRENDIZAJE** — N.º 25, 1984
- **REVUE FRANÇAISE DE PSYCHANALYSE** — Tome 47, N.º 5, Sept./Oct. 1983

HORÁRIO: Das 10.00 às 13.00 horas
Das 15.00 às 21.00 horas